O PRESENTE DE 12 DE OUTUBRO



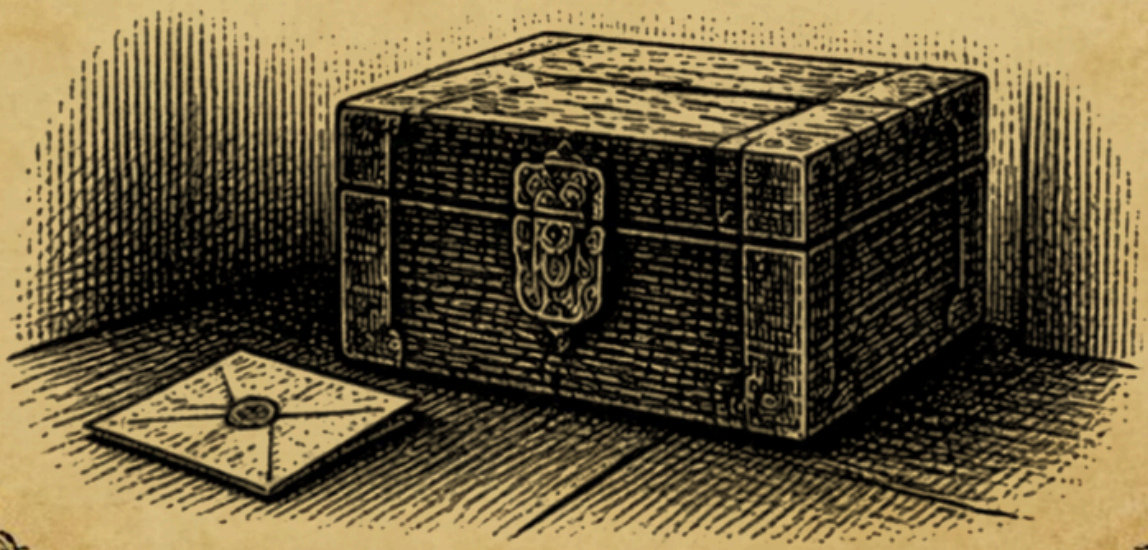
Um Penny Dreadful Original de Bruno Reallyme

Publicado para o divertimento daqueles que ainda conservam a curiosidade da infância – e para o desassossego daqueles que já a perderam.

PRÓLOGO

Uma advertência ao leitor

Há presentes que desejamos receber.
Há presentes que fingimos não querer.
E há presentes que, uma vez recebidos,
jamais deveriam ser abertos.
Esta é a história de um deles.
Se o leitor for jovem, recomendamos que prossiga. Se for adulto, recomendamos que faça o contrário.
Não porque esta história seja imprópria para adultos. Mas porque certas coisas só revelam seus segredos àqueles que ainda sabem acreditar.



I

O PRESENTE

Na manhã de 12 de outubro, Tomás acordou antes de todos. Não por causa dos brinquedos. Nem dos doces. Nem sequer por causa da promessa de um presente. Acordou porque alguém havia batido três vezes à porta de sua casa. Toc. Toc. Toc.

Tomás saiu da cama e atravessou o corredor em silêncio. Sua mãe ainda dormia.

Na sala, não havia ninguém. A porta, entretanto, estava entreaberta. Do lado de fora havia apenas uma pequena caixa de madeira. Nenhum endereço. Nenhum nome. Nenhuma fita.

Sobre a tampa, escrito à mão, havia somente: PARA TOMÁS.

Ele levou a caixa para o quarto. Dentro havia um livro. Era pequeno, encadernado em tecido negro e tão antigo que parecia ter sido esquecido durante décadas em algum lugar onde a luz do sol jamais entrava.

Não possuía autor. Não possuía título. Não possuía sequer uma marca na capa.

Tomás abriu a primeira página. Havia apenas uma frase: “Feliz Dia das Crianças.”

Ele sorriu. Então leu a segunda.

“Agora não conte a ninguém que recebeu este livro.”

Tomás parou de sorrir.



O LIVRO QUE SABIA DEMAIS



Naquela manhã, sua mãe perguntou:
— Gostou do presente?
Tomás respondeu que sim.
Era uma mentira.
Ele ainda não sabia se havia gostado.
Na verdade, estava assustado.
Depois do café, voltou ao quarto e abriu novamente o livro.
A página seguinte estava em branco.
Ou assim parecia.
Quando inclinou o papel contra a janela, pequenas letras começaram a aparecer.
Tomás aproximou o rosto.
Era uma frase.

AMANHÃ, SUA MÃE DIRÁ SEU NOME TRÊS VEZES.

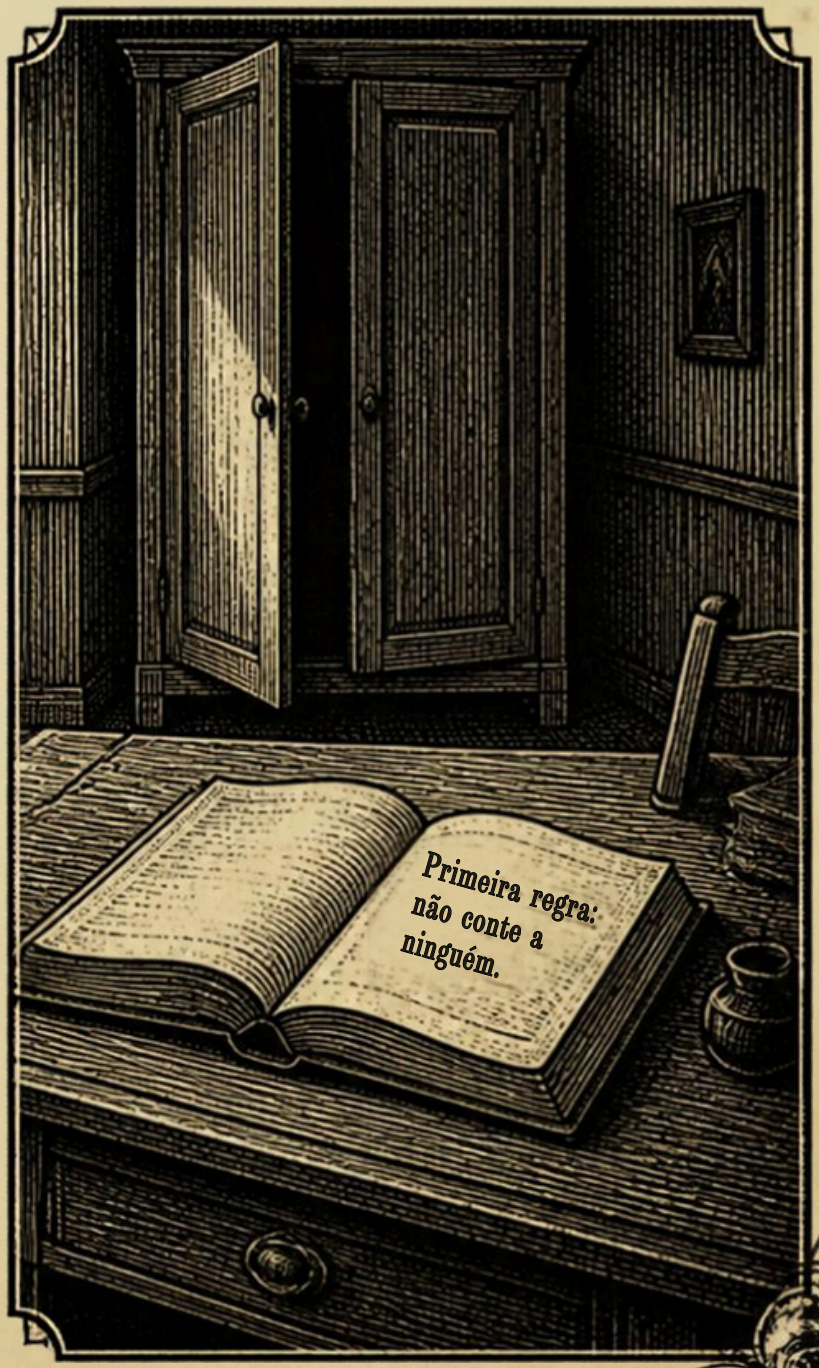
Tomás fechou o livro.
Não queria ler mais.
Mas, antes de dormir, abriu-o novamente.
Havia outra frase.

VOCÊ SEMPRE VOLTA.

III

A PRIMEIRA REGRA

Na manhã seguinte, Tomás escondeu o livro dentro do armário. Passou o dia inteiro sem tocá-lo. À noite, porém, ouviu um ruído. Um pequeno ruído seco. Como o virar de uma página. Tomás abriu os olhos. Flap. Silêncio. Flap. Outra página. Ele saiu da cama. O livro estava sobre a escritaninha. Aberto. Tomás tinha certeza de que o havia deixado trancado no armário. Na página havia uma única frase: "Primeira regra: não conte a ninguém." Tomás fechou o livro. – Eu não contei – murmurou. As páginas estremeceram.
E outra frase apareceu.
"Ainda."



IV

O NOME

Naquela noite, Tomás decidiu descobrir de onde o livro havia vindo. Procurou em sua casa. Nada. Perguntou à mãe. Ela disse que não sabia. Perguntou ao avô. Ele ficou sério. – Que livro? Tomás descreveu a capa. O velho permaneceu em silêncio por alguns segundos. Então perguntou: – Você abriu?

Tomás respondeu que sim. Seu avô levantou-se imediatamente. – Então não leia mais.

– Por quê?

O velho não respondeu.

– Vovô?

– Porque alguns livros foram feitos para contar histórias. Ele olhou para o neto. – E outros foram feitos para encontrar leitores.

Tomás sentiu um frio no estômago. Naquela noite, decidiu obedecer. Não abriria o livro. Não importa o que acontecesse.

À meia-noite, ouviu três batidas. Toc. Toc. Toc. O livro estava sobre a mesa. Aberto. E, pela primeira vez, havia uma ilustração. Era um desenho de Tomás. Sentado na cama. Lendo.

Abeixo do desenho estava escrito: “Segundo leitor: Tomás.”

Ele virou a página. Havia outro desenho. Uma criança que ele não conhecia.

Abaixo: “Primeiro leitor: desconhecido.”

– E, na página seguinte: “Próximo leitor: ainda não vi: colhido.”



V
A ÚLTIMA PÁGINA

Tomás passou três dias tentando livrar-se do livro. Escondeu-o. Enterrou-o. Jogou-o fora. Na manhã seguinte, ele sempre retornava. Às vezes sobre a mesa. Às vezes embaixo do travesseiro. Uma vez, apareceu dentro de sua mochila. E sempre havia uma nova página. Até que, numa sexta-feira, Tomás encontrou uma frase diferente: "Há somente uma maneira de terminar uma história." Abaixo havia uma seta.

Tomás virou a página. Estava em branco. Virou outra. Branca. Outra. Branca. Então percebeu. O livro não queria assustá-lo. Queria que ele terminasse a história.

Na última folha havia apenas uma pergunta: "Você deseja saber como termina?"

Tomás segurou a caneta. Pensou na mãe. Pensou no avô. Pensou no estranho que havia deixado a caixa diante de sua porta. E escreveu: SIM.

As letras desapareceram. A página ficou preta. Então surgiu uma última frase:

"Toda história precisa de um leitor."

Tomás virou a página. "E todo leitor precisa de alguém que venha depois." Virou outra. Não havia nada.

Por alguns segundos, Tomás acreditou que havia terminado. Até perceber que a capa do livro estava diferente. Agora havia um título.

O PRESENTE DE 12 DE OUTUBRO.

E, abaixo dele: Bruno Realyme.

Tomás recuou. – Mas isso não pode ser...

O livro abriu sozinho. Uma última folha surgiu. Nela estava escrito:

"Obrigado por terminar minha história."



VI

O SEGUNDO PRESENTE

No ano seguinte, na manhã de 12 de outubro, uma menina chamada Helena acordou com três batidas à porta.
Toc. Toc. Toc.
Quando chegou à sala, encontrou uma pequena caixa de madeira.
Não havia endereço. Não havia remetente.
Sobre a tampa, escrito à mão, estava apenas: PARA HELENA.
Ela abriu. Dentro havia um livro. Pequeno. Preto. Sem título.
Helena passou os dedos pela capa. Então abriu a primeira página.
Havia uma única frase: “Feliz Dia das Crianças.”
Ela sorriu. Virou a página. E leu:
“Agora não conte a ninguém que recebeu este livro.”

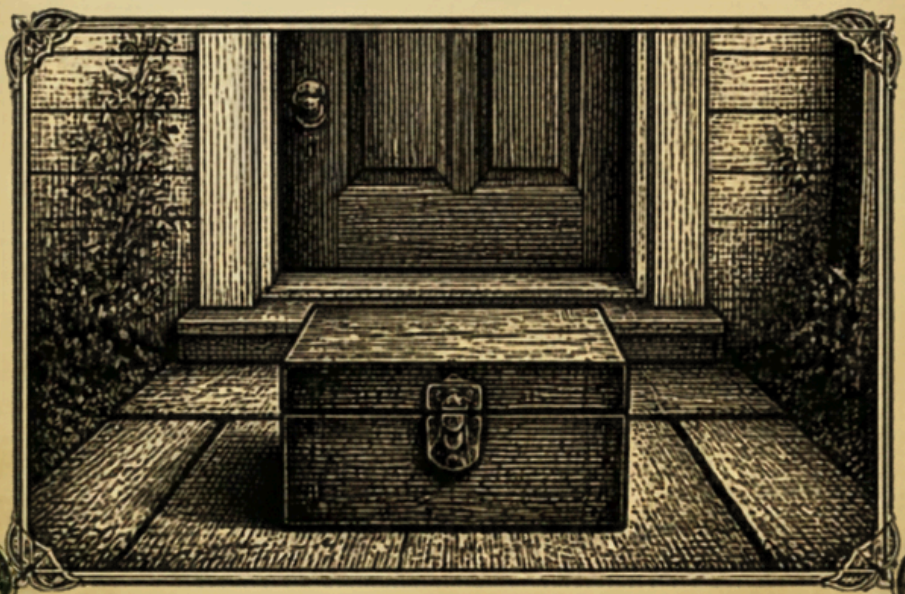


EPÍLOGO

Uma última advertência

Se você chegou até aqui, caro leitor, talvez esteja esperando que eu lhe diga que esta história terminou. Não terminou. Histórias como esta não terminam. Elas apenas mudam de mãos. E, se por acaso você estiver lendo estas palavras no dia 12 de outubro...

...talvez seja prudente verificar se há alguma caixa de madeira diante da sua porta. Mas, por favor: não a abra. A menos que você tenha coragem de descobrir quem será o próximo leitor.



BRUNO REALLYME

Compilações Profanas

12 de outubro

Para todas as crianças que algum dia abriram um livro quando lhes disseram para não fazê-lo.



EDITORA NECROLIVRO

www.editoranecrolivro.com.br

DIREITOS E PERMISSÕES

© 2026 Editora Necrolivro e Bruno Reallyme. Todos os direitos reservados, nos termos da Constituição Federal, art. 5º, incisos XXVII e XXVIII, e da Lei nº 9.610/1998 (Lei de Direitos Autorais), especialmente quanto à proteção da autoria e da obra.

É permitida a reprodução desta obra, total ou parcial, por qualquer meio, desde que mantidos o conteúdo e a integridade da obra e citados claramente o título, o autor, a Editora Necrolivro e a fonte: www.editoranecrolivro.com.br. A reprodução não autoriza a alteração da obra nem o uso comercial sem autorização.

Compilações Profanas

Bruno Reallyme

12 de outubro